

Contigo Para Um Último Dia

Estudo da obra de Pompeu Miguel Martins

por Catarina Nunes

Vila Praia de Âncora, 11 de Novembro de 2003

Vão-se os olhos por este livro como música até à memória de Miguel. Música de cravo que teima nos acordes de uma memória povoada de amores, paixões e dúvidas. Porque, na verdade, o livro é um som que nasce do hábil arrumo de frase, que ora em memória se apoia na simplicidade edénica, ora na descrição não raro poética de quadros belos onde autor vai pincelando o esboço físico e psicológico de Marta, Joana e Marie.

Contudo, só o atento ouvido dos olhos capta o itinerário e a pauta de semelhante música – eis então que se ouve o acorde das memórias que a personagem deixa escorrer em palavras. É através deste som que se apresenta o romance cuja história não sobrevive indiferente a qualquer um de nós. O leitor transforma-se no corpo de Miguel e nas presenças femininas que o acompanham, repentinamente é todo um, momentos há em que ele leitor, se lê a ele próprio. Pompeu Miguel Martins leva-o à escrita, desmultiplica-o por consoantes e vogais, plasma-o ao longo da narrativa.

Este livro tipifica o impacto imediato da revolução dos conflitos pessoais narrados na primeira pessoa. Note-se que a enunciação do sujeito laborada nestes termos desenvolve a aceitabilidade entre o leitor e o sujeito do texto que o autor conhece como uma espécie de imagem textual e onde o *eu* não é mais do que a visão de ser-se um outro que se enuncia num texto literário. Na verdade, nesta obra, o *eu* é o reflexo da própria escrita que se afasta do autor, uma espécie de escrita que denuncia antes de mais um *alter-ego* que será mais frisado pela entrada de um interlocutor que o lê. Surge então

uma familiaridade por parte do leitor com os textos espoletando uma maior compreensão textual.

Assim, o deleite por estas linhas surge espontâneo uma vez que o companheiro pactuante da leitura se acentua ainda mais através da primeira pessoa gramatical com que o sujeito desta obra se enuncia, originando deste modo uma melhor identificação do leitor com a suposta realidade vivida. Efectivamente, o que o leitor encontra é a primeira pessoa reconhecida como o sujeito que se manifesta com um nome próprio. Assim, a leitura de *Contigo para um último dia* origina a aceitabilidade de uma experiência exequível de vida identificada por essa pessoa gramatical. É nestes termos que o narrador assume a saudade possante de Paris, cidade que terá que abandonar para atender ao funeral da tia Luísa. Para trás deixará o charme e sofisticação que esta cidade testemunha para regressar a um Portugal pequenino e cujo desencanto é flagrante pelo uso constante do diminutivo. Porém, é neste triste fado que assiste à aparição da *menina que amou anos a fio naquele lugar* (pg.24) – Marta. Esta personagem é evocada como uma flor que morre e volta a desabrochar. Com o seu aparecimento, Miguel presencia um passado ainda vivo cujo medo de o enfrentar é possante – *Naquele momento tive medo. Parti outra vez e outra e mais outra. Parti até para os lugares onde nem sequer sabia como chegar. Voltei a fugir de Marta, por segundos, por uns irremediáveis e velhos segundos. Apeteceu-me dizer que não sou de ficar, que morreria se ficasse. Apeteceu-me matar-me nela. Mas era mentira. Julgo que ficarei* (pg.25). A partir daqui espoletam um conjunto de memórias repartidas pelos corpos femininos que povoam este romance e que desencadeiam o obnubilamento psicológico do protagonista. Note-se que estes corpos manifestam uma relação com o belo (pg. 110) quando algumas descrições desvelam os contornos físicos das mulheres que assomam como um brilho da forma que não revela completamente a essência, mas que conduzem Miguel a um indecifrável desequilíbrio e mutabilidade de carácter.

As figuras femininas que emergem na sua vida são díspares, todas elas são diferentes e essas diferenças traduzem tanto a busca de uma quase perfeição como o carácter inconstante que vagueia como quem não sabe o que quer. Os seus monólogos são traços perfeitos dessa volubilidade. Neles a personagem desvela os meandros da sua consciência – o presente da actividade mental do *eu*.

Para terminar, insisto no autêntico quadro a óleo nas cenas de comportamento inconstante; aguarela na captação de momentos líricos e também desenho de traços definidos em instantes que outro risco não merecem – *contigo para um último dia* é um livro que toma o leitor nos seus parágrafos, o dissemina por numerosas molduras, o situa em variados redemoinhos, enfim, a respirar ao ritmo inconstante que a memória apela.